



André Pomponet

Eleição não dissipará sombras sobre a democracia

André Pomponet - 25 de setembro de 2018 | 21h 55

Faltam menos de quinze dias para as eleições presidenciais. Pelo que se percebe, o cenário já está mais claro, com as prováveis presenças de Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) no segundo turno. É a tendência que as últimas pesquisas sinalizam, embora seja desejável manter a prudência. Afinal, essas são as eleições mais imprevisíveis desde a redemocratização do País, em 1985. Embora improváveis, reviravoltas não podem ser descartadas, sobretudo num momento de paixões afloradas, em que o ódio e o fanatismo impulsionam muitos posicionamentos.

Pelo que se percebe, o discurso da temperança, da sensatez – associado às candidaturas do chamado “centro” – naufragou: Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (Rede), Henrique Meirelles (PMDB) e Álvaro Dias (Podemos) empolgam pouco o eleitor, conforme também sinalizam as pesquisas. Desse pelotão, só quem ainda alimenta esperanças é Ciro Gomes (PDT), que mesmo assim perdeu terreno na última semana.

Clareza em relação ao segundo turno não quer dizer, necessariamente, que enfim se verá a dissipação da crise política que sacode o País desde 2014. Afinal, os favoritos para o embate final vêm apostando na radicalização: de um lado, Jair Bolsonaro com sua retórica beligerante e suas propostas que assustam aqueles segmentos mais esclarecidos; do outro, o petismo destila mágoa e cultiva um radicalismo que lembra a primeira disputa presidencial da legenda, no longínquo ano de 1989.

As estratégias vêm dando certo: movida pelo ódio, pelo desespero, pelo saudosismo da bonança pré-crise ou pelo desamparo – nenhuma motivação exatamente racional – boa parte do eleitorado embarca nas duas candidaturas que a imprensa rotula como “extremas”: Jair Bolsonaro à direita e o acomodaticio petismo – tarimbado no exercício do poder – associado a uma fantasiosa esquerda radical.

E lá adiante?

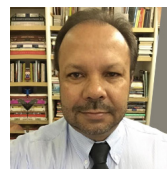
Se o processo eleitoral se esgotasse em si mesmo – uma gincana tola – tudo bem: a destilação de bÍlis seria compreensível, talvez até aceitável. O problema é que eventuais gestos insensatos defronte a urna vão produzir efeitos pelos próximos quatro anos. Imerso em crise entrelaçadas – econômica, política e ética – o que o País menos precisa é de experiências radicais, sobretudo porque o salseiro atual já se arrasta desde as eleições passadas.

Como eleger quem se dispõe a resolver problemas complexos no braço – ou, pior ainda, na bala – e não vislumbrar a barbárie cortejando o futuro? Como acreditar que, governado a partir do cárcere, o Brasil não vai mergulhar numa crise mais intensa e ainda mais danosa – principalmente para os mais pobres – de final imprevisível?

CHARGE DA SEMANA



COLUNISTAS



César Oliveira

Nova pesquisa garante no segundo turno, mas que acabe no primeiro

Bolsonaro diz que é um aos esquemas de corru



André Pomponet

Eleição não dissipará sobre a democracia

A efervescência do Mer Arte Popular aos sábados

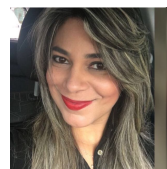


Valdomiro Silva

Bahia enfrenta Fla e Gr fechando série de cinco pedreiras, sob ame visitar Z-4

Chapecoense reage e m

magia da Arena Condá



Emanuela Sampaio

Aniversário de Tourinho

Conceição Mascarenha festa surpresa de anive

AS MAIS LIDAS HOJE

1



Piloto e empresário desaparecem após com destino à Bahia

Noutras circunstâncias, talvez essas questões provocassem alguma reflexão. Não é o caso no momento.

Tudo indica que, caso vença o pleito, o petismo vai abandonar o programa de governo radical e abraçar o "centrão", incluindo aí boa parte do MDB. A fórmula, inclusive, é antiga: vence fustigando à esquerda, mas governa ladeado pela direita. Só que o País vive uma crise singular e, conforme apontado, os nervos estão à flor da pele. Pode faltar paciência à população na revisita desse *modus operandi*.

As disposições de Jair Bolsonaro são ainda mais preocupantes. Além do rearmamento da população, o que o candidato pretende? É uma incógnita. As idas e vindas, os recuos em relação a determinados posicionamentos tornam tudo mais nebuloso. Não faltam alertas sobre as disposições autoritárias do candidato e sua trupe.

O fato é que, apesar das eleições programadas, a democracia brasileira permanece respirando por aparelhos. E, o que é pior, não se desenha no médio prazo a dissolução desse cenário.

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

A efervescência do Mercado de Arte Popular aos sábados

Só abstenção pode produzir surpresas nas eleições proporcionais

Certeza da década perdida compõe cenário eleitoral

2 Guru econômico de Bolsonaro elogia V Petista mais inteligente de todos

3 Coronel empata com Lázaro e Wagner disputa ao Senado, diz pesquisa

4 Meirelles questiona onde governo Rui : empréstimo de R\$ 600 milhões

5 Colbert reafirma apoio a José Ronaldo do MDB



INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense